

Café com...

Sérgio Godinho

CANTAUTOR E ACTOR

O Teato de Vila Real acolhe hoje, pelas 21.30 horas, a peça "Onde vamos morar", escrita por José

Maria Vieira Mendes e encenada por Jorge Silva Melo. Sérgio Godinho é um dos protagonistas

"Onde vamos morar" marca o regresso de Sérgio Godinho aos palcos teatrais. Nesta produção dos Artistas Unidos o cantautor é Américo, o pai, doente e solitário.

Como tem vivido este regresso aos palcos?

Eu nunca saí do palco. O regresso, é preciso que se especifique, tem a ver com os palcos do teatro. De facto, já não figurava como actor desde 1989, ano em que participei na peça "Quem pode, pode", de David Mamet, encenada pelo João Canijo, em que contracenava com a Alexandra Lencastre. Claro que este regresso, com os Artistas Unidos, tem sido compensador e uma boa experiência.

O Sérgio, apesar de ser mais conhecido como cantor e compositor, tem também uma formação de teatro, não é verdade?

Sempre gostei de teatro. Nos meus tempos de estudante universitário passei pelo Teatro Experimental do Porto. Fiz teatro em Paris, no Brasil... Depois do 25 de Abril de 1974 regressei a Portugal e participei na peça "Liberdade, Liberdade", com o João Perry e a Maria do Céu Guerra. Tudo isto, associado à minha experiência como músico em palco, deu-me bagagem e traquejo.

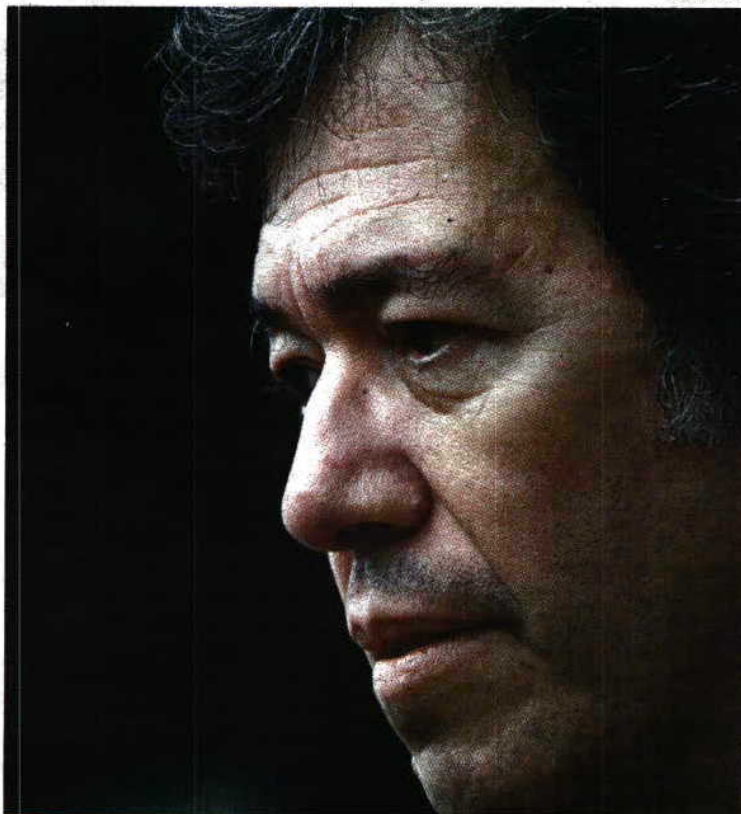
Também já participou em filmes.

Sente-se mais à vontade a fazer teatro ou cinema?

Confesso que para mim é mais satisfatório fazer teatro do que participar em filmes. Estive arredado este tempo todo dos palcos teatrais porque sou bastante selectivo. A razão de ter voltado teve a ver com o convite que me foi feito pelo Jorge

É interessante escavar as personagens

ALFREDO CUNHA



Sérgio Godinho prepara o lançamento de um livro de poesia

ge Silva Melo, que encena a peça e por quem tenho grande estima e admiração.

E já conhecia o trabalho do dramaturgo José Maria Vieira Mendes?

Tenho seguido o trabalho do José Maria com muito interesse. Considero-o extremamente talentoso. Sendo um jovem dramaturgo consegue percorrer o corpo e a alma das personagens. E isto não é fácil. Sobretudo quando se utiliza um registo falsamente realista e uma escrita muito elaborada, como é a dele.

Quando leu a peça sentiu de imediato o apego ao personagem que desempenha?

O que é interessante neste trabalho de actor é fazer a ponte entre o que lemos, o que somos realmente e o que escavamos da parte da nossa personagem. Neste caso, o Américo é um ser amargurado, destrutivo que, de certo modo, começa a perder o pé da realidade. É um desafio interpretá-lo.

Com as digressões que tem feito ao longo destes meses com a peça sobra-lhe tempo para compor?

Tem sido difícil. Queria ver se ainda conseguia lançar um novo disco este ano. Para já, o que está mais certo é o livro de poemas que sairá com a chancela da Assírio e Alvim.

A digressão da peça termina com a apresentação da mesma no Teatro Nacional de S. João, no Porto, no dia 3 de Junho, integrada na programação do FITEI...

Isso é curioso. Acabo as apresentações de "Onde vamos morar", precisamente na cidade onde comecei por morar... ■

ANA VITÓRIA
anavito@jn.pt